



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

LARISSA CRISTINA PEREIRA DOS REIS

**PRÁTICAS FORMATIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: RELATOS DE
EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID**

BRAGANÇA-PA
2026

LARISSA CRISTINA PEREIRA DOS REIS

PRÁTICAS FORMATIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID

Trabalho de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, Faculdade de Ciências Naturais, para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos UFPA/IECOS/FBIO

Coorientador: Prof. Me. Leônidas Amorim Costa – SEDUC/PA

BRAGANÇA-PA
2026

LARISSA CRISTINA PEREIRA DOS REIS

PRÁTICAS FORMATIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID

Este Trabalho foi julgado para obtenção do Grau de Licenciada em Ciências Naturais do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, do Campus Universitário de Bragança.

DATA DA DEFESA: 17/07/2026.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos – Orientadora
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Prof. Me. Leônidas Amorim Costa – Coorientador
SEDUC – Bragança, Pará

Profa. Dra. Neide Carneiro Ramos
UFPA/IECOS/FBIO/Campus Bragança

Prof. Dr. Dioniso Sampaio
UFPA/IECOS/FACIN/Campus Bragança

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir concluir mais esta etapa da minha vida, dado o esforço e resiliência para buscar o meu grande sonho e de todos que me amam e torcem por mim;

Agradeço essencialmente à minha família, em especial a minha mãe, Leila Cristina, cujo segundo nome carrego no registro e no meu coração. Deus está no caminho de tudo minha mãe! Dedico toda a minha força e insistência de concluir meu curso, toda a minha caminhada acadêmica a ela, que trabalhou todo esse tempo para que eu pudesse estudar e com seu total apoio, priorizou meus estudos para que esse dia chegasse.

Reconhecendo o mesmo o que foi feito, a meu pai Carlos Magno, externalizo minha eterna gratidão por realizar todos os meus pedidos, e por me levar e buscar ao campus Bragança quando podia, para que, dentre outras coisas eu ter apenas um único foco que era a conclusão de meu curso.

Também sou grata aos meus irmãos, Wesley e Wildson, por terem me ajudado nos deveres de casa para que eu pudesse dedicar meu tempo aos estudos e trabalho. Obrigada por todo o amor envolvido nos grandes e pequenos detalhes. Agradeço, ainda, a toda a minha família, por se orgulhar de dizer que iríamos ter uma professora na família, vibrando pelas minhas conquistas e motivando o meu caminho na formação docente;

As pessoas são incentivadoras e espelhos para prosseguir nossos sonhos, para a minha orientadora, professora Sandra Bastos, a minha mais sincera palavra GRATIDÃO, por tudo. Passa um curta metragem na minha mente, a minha entrada em sua sala para uma entrevista de uma bolsa mudou completamente a minha vida acadêmica. Eu “não passei” naquela seleção, mas, como diz o ditado “Se Deus fecha uma porta, abre mil outras”. Logo depois entendi que as segundas chances sempre aparecem e podem ser bem melhores. Outra oportunidade acadêmica surgiu em seguida, proporcionando a experiência que norteou minha formação docente. Sou eternamente grata a você, pela confiança depositada em mim, por cada ensinamento, paciência, calma, carinho, por ser tão humana, pelo amor em incentivar ainda mais a formação docente com ajuda e conselhos, que me apontaram e estimularam a buscar os caminhos mais bonitos na profissão;

Às amigas que a faculdade me deu: Eduarda, Marcelle, Ana Paula e que vou levar para vida, nossa cumplicidade sempre será mais forte, e meu agradecimento para além da amizade vai também para a parceria que construímos juntas ao longo destes quatro anos.

Agradeço especialmente à minha amiga Jacicleide, companheira de jornada na experimentação do chão da escola, junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID);

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e às escolas parceiras que nos permitiram viver o cotidiano escolar e que ajudaram significativamente minha formação como docente. Meu agradecimento pela confiança e pela concessão da bolsa de iniciação à docência por esses anos.

Minha eterna gratidão ao projeto PIBID que mudou tanto a minha vida pessoal quanto profissional. Sou imensamente grata ao núcleo interdisciplinar que congrega dois cursos de licenciatura: Ciências Biológicas e Ciências Naturais, e pelas professoras/coordenadoras Nelane, Rosigleyse e Sandra por conduzirem tão bem este programa que fez e faz a diferença na formação de professores. Agradeço ainda aos professores supervisores Alessandra Cristina Carvalho Cunha e Leônidas Amorim Costa, pelo acolhimento que me possibilitou a inserção na comunidade escolar de forma tranquila e pelo acompanhamento, aconselhamentos e orientações de como exercer o papel docente. Agradeço, acima de tudo, por eles terem sido exemplo de bons profissionais.

Às escolas parceiras EEEFM Coronel Aluizio Pinheiro Ferreira e EEEFM Yolanda Chaves por confiarem no projeto que capacita e envolve professores em formação a vivenciarem o dia a dia das escolas, possibilitando a construção profissional. Meus agradecimentos pela oportunidade de experimentar, experienciar, e vivenciar o chão destas escolas, possibilitando meu crescimento e o aperfeiçoamento de um olhar empático ao trabalho docente. Carregarei todo carinho, respeito, segurança e profissionalismo pelas pessoas que contribuíram para minha formação;

Agradeço pela amizade construída com os outros bolsistas do projeto, pela partilha dos momentos incríveis que vivenciávamos na escola. Pelas conversas e pelos encontros formativos. Meu agradecimento especial a todos esses que muito me ensinaram e marcaram minha formação;

À Universidade Federal do Pará – Campus Bragança, à Faculdade de Ciências Naturais e ao Instituto de Estudos Costeiros – IECOS sou grata pela oferta do curso e pelo total apoio à realização da minha vida acadêmica.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Paulo Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

R375p Reis, Larissa Cristina Pereira dos.
Práticas formativas no ensino de Ciências : Relatos de
experiência da iniciação à docência no PIBID / Larissa
Cristina Pereira dos Reis. — 2026.
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sandra Nazaré Dias Bastos
Coorientador(a): Prof. Me. Leônidas Amorim Costa
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Bragança, Faculdade de
Ciências Naturais, Bragança, 2026.

1. Formação de Professores. 2. Educação em
Ciências. 3. Ensino de Ciências. I. Título.

CDD 370.71

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
TEXT0 01	14
TEXT0 02	28
TEXT0 03	41
ANEXO: Certificados de apresentação dos artigos em eventos científicos	46

APRESENTAÇÃO

Minha trajetória na graduação foi marcada por desafios que contribuíram, de forma significativa, para a construção de minha identidade e formação docente. Ao longo desse percurso, muitas foram as dificuldades, mas também, muitas foram as oportunidades que favoreceram não apenas minha permanência no curso, como contribuíram para o meu desenvolvimento profissional. Nesse contexto, meu ingresso no curso de Ciências Naturais representou a concretização de um interesse despertado ainda na Educação Básica, quando fui incentivada a apreciar o estudo das ciências. Muito dessa apreciação se deve à ação pedagógica de alguns professores que, dentro de algumas limitações, conseguiram despertar o interesse dos alunos com a utilização de metodologias que eu achava interessantes, tais como: aulas de campo, exposição do sistema solar no pátio da escola, apresentação de trabalhos no auditório, estudos na biblioteca que, além de promoverem maior interação entre os alunos, tornavam os conteúdos mais acessíveis. Posso dizer que foram esses momentos e a dedicação de alguns professores que passaram em minha vida, com dedicação e compromisso pelo ato de ensinar, que mediaram minha paixão pelo universo escolar.

Essa motivação foi fortalecida pelas experiências vivenciadas durante a graduação, mesmo que, inicialmente, eu alimentasse um certo medo da responsabilidade em “assumir uma sala de aula” como professora. Perguntas como: “Será que vou dar conta?”, “Será que levo jeito?”, “Como vou ensinar?” eram respondidas na medida em que avançava nas discussões em sala de aula, principalmente nas disciplinas de cunho pedagógico. Entendi que o curso de Ciências Naturais carregava um peso importante na formação docente para Educação Básica nos Anos Finais e, ao longo desses quase cinco anos, entendi que a formação inicial era um processo gradativo. Essa percepção da formação como processo, em toda sua complexidade, me fez ter um olhar mais empático para o “ser” professora e que foi se solidificando nas relações interpessoais com os professores e colegas e pela compressão de questões que permeiam a realidade escolar.

A minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), aconteceu de forma um pouco inesperada e tudo começou quando eu fiz a seleção para participar de um projeto de extensão, no entanto, eu não consegui a aprovação. Isso não me desanimou, ao contrário, esperei a chamada para a seleção do PIBID, que iria acontecer dali há alguns meses e que me foi anunciada na entrevista para a bolsa de extensão. Foi somente na leitura do edital que, eu e minha parceira de estudos (Jaci Oliveira), descobrimos que as bolsas para as quais estávamos concorrendo previa experienciar e viver o chão da escola, como professoras. Essa informação gerou um certo impacto, causado por aquele medo inicial de ter que reger aulas e assumir atividades de docência, mesmo de forma assistida e orientada. Essa tensão não persistiu, pois desistir nunca foi uma

opção. Eu estava disposta a passar pelas experiências que aquele programa oportunizava e posso dizer que ele me proporcionou aprendizagens teóricas e práticas que ajudaram a consolidar meu compromisso com a docência, me preparando para exercer a profissão de professora com competência, responsabilidade e dedicação.

O PIBID desempenha um papel fundamental na formação inicial de professores, constituindo-se como uma experiência formativa que articula os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade com a prática pedagógica desenvolvida no contexto escolar. Ao longo da participação no subprojeto, o programa proporcionou significativos avanços na construção dos saberes docentes, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais ao exercício da profissão e promovendo uma compreensão mais ampla da realidade da educação básica pública. Essa vivência ampliou meus conhecimentos e fortaleceu minha compreensão sobre a prática pedagógica, corroborando a perspectiva de Tardif (2000), segundo a qual a formação docente começa antes do exercício profissional, pois os professores já chegam à escola com saberes previamente construídos.

Em minha trajetória no PIBID, vivenciei um processo de crescimento acadêmico, profissional e pessoal que contribuiu de maneira decisiva para a construção de minha identidade docente. As experiências desenvolvidas possibilitaram o aprimoramento das habilidades relacionadas ao planejamento de aulas e atividades, à elaboração de estratégias metodológicas dinâmicas e contextualizadas, bem como ao desenvolvimento de práticas pedagógicas capazes de promover maior envolvimento dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Nesse caminho, posso afirmar que, no contexto da Educação Básica pública do município de Bragança, Pará, as vivências proporcionadas pelo programa consolidaram conhecimentos, estimularam a reflexão crítica sobre a prática educativa e reafirmaram o compromisso com uma atuação docente ética, qualificada e comprometida com a qualidade da educação pública, tal como afirma Nóvoa (2009, p. 209) quando diz que “ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”.

Destaco a relevância do programa para minha trajetória profissional, uma vez que as experiências vivenciadas foram significativas e importantes e por compreender que os professores aprendem sua profissão por vários caminhos, sendo importante não apenas a contribuição das teorias de ensino-aprendizagem, mas a prática refletida e discutida que se transforma em experiência (Pimenta, 2008).

Desse modo, afirmo que passei por um significativo processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento e minha atuação no cotidiano escolar contribuiu para a construção de aprendizagens e para a obtenção de resultados que fortaleceram minha motivação e identidade profissional, como afirma André (2012), ao enfatizar a importância da atitude reflexiva na prática docente. Segundo a autora, é fundamental que o professor domine procedimentos de investigação científica, como o registro e a sistematização de informações, a análise e comparação de dados, bem como a formulação e verificação de hipóteses. Esses processos possibilitam a produção e a socialização de conhecimentos pedagógicos, favorecendo o desenvolvimento profissional e a qualificação da prática educativa.

Este trabalho de conclusão de curso que intitulei “PRÁTICAS FORMATIVAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIA DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID” traz uma síntese do que vivenciei a partir de algumas atividades elaboradas para turmas do Ensino Fundamental desenvolvidas nas EEEFM Coronel Aluizio Pinheiro Ferreira e Yolanda Chaves. Trago uma coletânea com três relatos de experiência que foram apresentados em eventos da área de Educação em Ciências¹. Os textos trazem um pouco das vivências em sala de aula por meio do planejamento e desenvolvimento de metodologias que elaboramos para tornar o ensino mais dinâmico e aprendizagem mais efetiva.

O primeiro texto, intitulado “Ensinar Botânica na Educação Básica: um relato de experiência de professoras em formação” foi apresentado no IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO) que foi realizado em Belo Horizonte, MG no período de 22 a 25 de outubro de 2024. Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar atividades desenvolvidas com estudantes do 7º ano no caminho de promover um ensino contextualizado e para despertar o interesse dos alunos pelas plantas, tornando o ensino de Botânica mais dinâmico.

O segundo texto apresenta um jogo desenvolvido para discutir alimentação saudável e segurança alimentar, intitulado “Jogo da Pirâmide Alimentar: Aprendendo sobre os principais grupos de alimentos e alimentação saudável” que foi apresentado no X Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), evento realizado de forma remota no período de 7 a 10 de dezembro de 2025.

O terceiro texto trata-se de um resumo expandido, intitulado “A utilização de uma Sequência Didática para a Discussão da Sexualidade na Educação Básica: Um relato de experiência na iniciação à docência”, apresentado no I Simpósio de Estágio e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia

¹ Os textos foram formatados em obediência às normas de cada evento.

(SEPECBio) realizado na Universidade Federal do Pará, Campus Bragança no período de 26 a 27 de março de 2026.

A elaboração deste Trabalhos de Curso segue as determinações da Instrução Normativa nº 05 de 21 de dezembro de 2023 que regulamenta o Trabalho de Curso (TC) no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará.

Referências

ANDRÉ, M. (Org). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 12^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, São Paulo, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

TEXTO**1****ENSINAR BOTÂNICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO**

REIS, L. C. P.; OLIVEIRA, J. S.; CUNHA, A. C. C.; FELIX, R. C. S.; SILVA, N. S. M.; BASTOS, S. N. D. Ensinar Botânica na Educação Básica: um relato de experiência de professores em formação. In: BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento; FERREIRA, Gustavo Lopes. **Anais do IX Encontro Nacional de Ensino de Biologia – ENEBIO** – Livro Eletrônico: Ensinar Biologia, ensinar a vida: entrelaçando histórias, docências e afetos. Belo Horizonte (MG). SBENBio Nacional, 2025.

Texto Disponível em:

<https://publicacoes.sbenbio.org.br/trabalhos/ensinar-botanica-na-educacao-basica-um-relato-de-experiencia-de-professoras-em-formacao/>

ENSINAR BOTÂNICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO

LA ENSEÑANZA DE BOTÁNICA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA: UN REPORTE DE EXPERIENCIA DE DOCENTES EN FORMACIÓN

Larissa Cristina Pereira dos Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA

larissapimentel2190@gmail.com

Jacicleide de Sousa Oliveira

Universidade Federal do Pará – UFPA

oliveirajacy70@gmail.com

Alessandra Cristina Carvalho Cunha

Secretaria Estadual de Educação – SEDUC-PA

alesa.a@hotmail.com

Rosigleyse Corrêa de Sousa Felix

Universidade Federal do Pará – UFPA rosigleyse@ufpa.br

Nelane do Socorro Marques-Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA nelane@ufpa.br

Sandra Nazaré Dias Bastos

Universidade Federal do Pará – UFPA sbastos@ufpa.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar atividades desenvolvidas com estudantes do 7º ano de uma escola vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), para abordar, na unidade temática Seres Vivos, o Reino Vegetal. Nossa intenção foi promover um ensino contextualizado para despertar o interesse dos alunos pelas plantas, tornando o ensino de Botânica mais dinâmico. Observamos que nas aulas práticas os alunos foram mais curiosos e participativos. As experiências vivenciadas nos mostraram a complexidade da ação docente e serviram como estímulo para conduzir novas ações no contexto do programa e em nossa vida profissional.

Palavras-chave: PIBID; Ensino de Ciências; Formação de Professores.

Eixo temático: 2. Estratégias, materiais e recursos didáticos para o Ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo describir y analizar actividades desarrolladas con estudiantes de 7mo año de una escuela vinculada al Programa Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia (PIBID), para abordar, en la unidad temática Seres Vivos, el Reino Vegetal. Nuestra intención fue promover una enseñanza contextualizada para despertar el interés de los estudiantes por las plantas, dinamizando la enseñanza de la Botánica. Observamos que en las clases prácticas los estudiantes se mostraron más curiosos y participativos. Nuestras experiencias nos mostraron la complejidad de la acción docente y sirvieron de estímulo para realizar nuevas acciones en el contexto del programa y en nuestra vida profesional.

Palabras clave: PIBID; Enseñanza de las ciencias; Formación de profesores.

Eje temático: Estrategias, materiales y recursos didáticos para la Enseñanza de las Ciencias y la Biología.

Modalidad: Informe de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado por meio da Portaria nº 38, de 12 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2007) e instituído em todo o país como ação da Política Nacional de Formação de Professores pelo Ministério de Educação. O programa oferece bolsas de iniciação à docência, com o propósito de apoiar estudantes de licenciatura das instituições de ensino superior, contribuindo para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica. Tardif (2014) afirma que para se compreender os saberes do professor devemos sempre levar em consideração a sua relação com o trabalho na escola e na sala de aula. Além disso, observar e conviver com professores mais experientes contribui para a construção de novos saberes (SHULMAN, 1986; TARDIF, 2014).

O contato prévio do acadêmico com o desenvolvimento de atividades de diferentes naturezas agrega à sua formação inicial saberes científicos e pedagógicos que serão aliados à sua experiência

profissional. Compreende-se que o PIBID trabalha em favor da melhoria do processo ensino-aprendizagem da rede pública, ao mesmo tempo em que é fundamental para a formação inicial dos licenciandos e a formação continuada dos professores que já atuam na escola. Nessa formação compartilhada os professores da Educação Básica, por meio da parceria com o PIBID, participam da formação dos futuros docentes de Ciências por meio da articulação entre a Universidade e a escola (CAPES, 2010).

O ensino de ciências desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos, não apenas para proporcionar conhecimento sobre o mundo, mas também para oferecer uma outra forma de interpretá-lo. Assim, compreender os mecanismos e as implicações da ciência na sociedade transforma os estudantes em cidadãos críticos capazes de distinguir entre o que é ético, estético e político. Nesse contexto é preciso considerar que o ensino de Ciências se estende para além da memorização de conceitos para se fundamentar na compreensão das complexas interações políticas e sociais que moldam o conhecimento científico. Dessa forma, o principal objetivo de ensinarmos Ciências nas escolas é capacitar as novas gerações para que se tornem agentes informados e conscientes, capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e sustentável (CHAVES, 2007).

Como professoras em formação, vinculadas ao PIBID, percebemos em nossa prática docente que para o ensino de Botânica, muitas vezes, as aulas são essencialmente teóricas e não despertam a atenção dos estudantes, desse modo, como reiteram Melo *et al.* (2012) e Minhoto (2003) é comum o desinteresse dos alunos quando o assunto é o estudo dos vegetais, soma-se a isso a falta de aulas práticas e materiais didáticos que visem facilitar o aprendizado.

Silva (2008) explica que a dificuldade de perceber as plantas, que para alguns são seres insignificantes, diminui o interesse por esse grupo de seres vivos, o que aumenta ainda mais as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem desse grupo na escola. Isso decorre principalmente porque o ensino desenvolvido é, em grande parte, feito por meio de listas de nomes científicos e de palavras totalmente isoladas da realidade, usadas para definir conceitos que possivelmente não são compreendidos pelos alunos e, algumas vezes, até pelos próprios professores.

Diferentemente ao que acontece com os animais muitas pessoas não conseguem reconhecer os vegetais que estão ao seu redor e é justamente essa pouca interação entre pessoas e plantas que pode estar relacionado à falta de interesse pelos conhecimentos botânicos (SANTOS *et al.*, 2021). Para Neves *et al.* (2019) a interação entre a humanidade e as plantas parece estar sendo reduzida gradativamente, com o avanço da urbanização e da tecnologia e esse distanciamento do mundo

natural apresenta consequências diretas que se refletem nos hábitos e na cultura da sociedade contemporânea. Um desses efeitos é a cegueira botânica, ou seja, a percepção deturpada que se têm em relação às plantas que subvaloriza sua diversidade, importância, beleza, bem como, os cuidados necessários para sua sobrevivência e riscos de extinção (OLIVEIRA; LIESENFELD, 2020). O conceito de cegueira botânica inclui em sua definição:

a) a incapacidade de enxergar e notar as plantas em seu habitat natural; b) incapacidade de reconhecer a importância das plantas na biosfera e no nosso dia a dia; c) dificuldade em se atentar as características estéticas e biológicas presentes somente nas plantas; e d) possuir a crença de que as plantas são inferiores aos animais, portanto, não sendo dignas da mesma atenção que esses seres recebem (ALVES *et al.* 2023).

Este conceito, afora sua aplicação nas relações cotidianas entre pessoas e plantas, se aplica diretamente à forma como a Botânica é ensinada nas escolas, pois, como afirma Nogueira (1997, p. 248): “o ensino de botânica [...] é considerado pelos professores e alunos uma dificuldade que se é evidenciada pelo pouco interesse e baixo rendimento neste conteúdo”. Desse modo, a sociedade estabelece uma visão imprecisa dos vegetais e as plantas são enxergadas como seres inanimados, que servem como plano de fundo para as outras formas de vida e que, dificilmente, são lembradas como seres vivos (RAMALHO *et al.*, 2017).

Na medida em que o interesse pela ciência Botânica diminui, aumentam os riscos de existir um completo déficit de conhecimento da área e, o fato de perdermos o hábito de práticas e conhecimento da flora, poderá trazer prejuízos às próximas gerações e até mesmo ao meio ambiente (SALATINO; BUCKERIDGE, 2016; KROSNICK *et al.*, 2018). Desse modo é preciso ampliar o conhecimento sobre as plantas, considerando aspectos de sua anatomia, fisiologia, reprodução, para que se possa entender o papel dos vegetais em um mundo em constante aumento da demanda por alimento e que está ameaçado por uma crise climática global (PANY; HEIDINGER, 2017).

Diante desse contexto, é importante que estratégias de ensino mais dinâmicas sejam empregadas em sala de aula para apresentar e discutir esse grupo de seres vivos e, com isso, tornar o ensino de Botânica mais interessante. Nesse caminho, traçamos como objetivo deste trabalho descrever e analisar as atividades desenvolvidas na Escola Estadual Coronel Aluizio Pinheiro Ferreira para abordar, na unidade temática Seres Vivos, o Reino Vegetal. Nossa intenção foi promover um ensino contextualizado, visando despertar o interesse dos alunos pelas plantas e, com isso, melhorar a qualidade do ensino de Botânica, pois em nossas observações verificamos que grande parte dos alunos apresentavam dificuldades de compreensão e assimilação desse conteúdo.

METODOLOGIA

As atividades foram desenvolvidas em seis encontros totalizando 10 horas/aula, no âmbito do subprojeto PIBID, núcleo interdisciplinar Ciências/Biologia da UFPA, vinculado ao Campus de Bragança, com a participação de 57 alunos, distribuídos em duas turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. A sequência das atividades elaboradas pode ser visualizada no Quadro 1.

Quadro 1: Sequência de atividades desenvolvida com alunos do 7º ano

Encontro 1 – Características Gerais das Plantas
Objetivo: Reconhecer a importância das plantas. Destacar as principais características dos vegetais. Classificação dos Vegetais. Metodologia: Aula expositiva dialogada com o auxílio do livro didático. Tempo: duas horas/aula
Encontro 2 – Classificação Vegetal
Objetivo: Identificar e diferenciar Briófitas e Pteridófitas. Metodologia: Aula prática com auxílio de lupa e espécimes vegetais de Briófitas (musgos) e Pteridófitas (samambaias) Tempo: duas horas/aula
Encontro 3 – Morfologia Floral/Ciclos Reprodutivos
Objetivo: Reconhecer as principais estruturas de uma flor (Angiospermas) Metodologia: Aula expositiva dialogada, com o auxílio do livro didático e com a exposição de um modelo didático confeccionado com papel cartão e EVA. Tempo: duas horas/aula
Encontro 4 – Morfologia da Folha
Objetivo: Reconhecer e identificar principais estruturas de uma folha. Metodologia: Passo 1: Aula expositiva para apresentação das principais estruturas que compõem uma folha; Passo 2: Aula Prática: Coleta de folhas na área livre da escola para montagem de um álbum; Passo 3: Resolução de exercício de fixação a partir do material coletado. O exercício proposto continha as seguintes questões: 1) Sua folha possui pecíolo? 2) Sua folha possui bainha e estípulas? 3) Qual a cor da sua folha? Explique sua coloração; 4) Sua folha é completa? 5) Sua folha é paralelinérvea ou peninérvea? 6) Com base nas características da folha em qual grupo esse vegetal é classificado? Tempo: duas horas/aula.

Encontro 5 – Importância dos Vegetais	
Objetivo:	Reconhecer a importância dos vegetais e a utilidades para os seres humanos.
Metodologia:	Aula expositiva dialogada para revisão dos conteúdos e atividade de pesquisa no livro didático para responder às seguintes perguntas: 1) Por que as plantas são consideradas seres vivos? 2) Quais tipo de plantas existem? 3) Quais partes da planta usamos para alimentação? 4) Escreva o nome de plantas que usamos para alimentação como: a) Frutos; b) Raízes; c) Folhas; d) Caules; e) Sementes; 5) Cite plantas que a indústria usa para fabricar tecidos? 6) Escreva o nome de plantas medicinais que você conhece ou tem em casa.
Tempo:	uma hora/aula
Encontro 6 – Importância dos Vegetais	
Objetivo:	Reconhecer a importância dos vegetais na natureza e para os seres humanos.
Metodologia:	Aula expositiva dialogada com ajuda de uma atividade complementar para discutir a importância das plantas medicinais em nosso cotidiano.
Tempo:	uma hora/aula

Para avaliar as atividades desenvolvidas tomamos como *corpus* de análise os exercícios resolvidos em sala de aula, bem como as anotações feitas em nosso diário de bordo acerca do comportamento e participação dos alunos nas atividades propostas. Nossos registros orientaram ainda a elaboração, adequação e organização das atividades a partir da reação dos alunos às metodologias empregadas. Para Monteiro (2007, p. 4), os registros feitos no diário de bordo são importantes, pois a partir deles podemos identificar as dificuldades encontradas, repensar e modificar os procedimentos utilizados, registrar os sentimentos envolvidos, bem como as situações coincidentes ou inéditas. Do ponto de vista pessoal, é possível registrar como se enfrentou o processo, quais foram os bons e maus momentos, as nossas impressões e os sentimentos que apareceram ao longo da ação desenvolvida. É uma via de análise de situações, de tomada de decisões e de correção de rumos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a primeira aula expositivas dialogada utilizamos o quadro para escrever as principais características dos grupos vegetais: Pteridófitas, Briófitas, Gimnosperma e Angiospermas. Explicamos, a partir das experiências dos alunos, a importância das plantas e recorremos ao livro didático para leitura do conteúdo e resolução de exercícios. Percebemos nesse momento que, embora os estudantes se mostrassem interessados, a estrutura da escola se mostrou inadequada para que pudessem vivenciar melhor essa experiência, pois, as salas de aulas eram muito quentes, mesmo

contando com ventiladores que ficaram ligados o tempo todo, essa situação fazia com que os alunos ficassem agitados e inquietos, o que comprometia que prestassem atenção ao que pretendíamos discutir.

Satyro e Soares (2007) explicam que a infraestrutura das escolas está diretamente relacionada à qualidade da educação e muitas instituições de ensino não apresentam condições adequadas para garantir o mínimo conforto físico aos estudantes e para garantir que haja interações entre eles. Muitas vezes os espaços escolares não são acolhedores, e não são favoráveis para suportar os fluxos de circulação de alunos, professores e funcionários, além disso, muitas escolas não contam com boa iluminação e ventilação. Diante dessa situação, resolvemos investir no planejamento de atividades, que para realidade da escola, eram diferenciadas.

Para a aula prática sobre os grupos vegetais coletamos e preparamos amostras de Briófitas (musgos) e de Pteridófitas (samambaias) para que os alunos pudessem visualizar as principais estruturas macroscópicas, com auxílio de uma lupa (Figura 1). Como a escola não conta com um laboratório, levamos a lupa para a sala de aula e a colocamos em cima da mesa do professor. Mesmo em condições improvisadas, percebemos o grande interesse pela atividade, uma vez que este seria o primeiro contato destes alunos com a tecnologia e eles estavam bastante ansiosos para visualizar as estruturas das plantas que selecionamos.

Figura 1 – Aula prática: Morfologia de Briófitas e Pteridófitas



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Borges *et al.* (2019) consideram que as aulas práticas são decisivas para o aprendizado das ciências, pois aguçam a observação e a construção de modelos, permitindo ao estudante observar, vivenciar e discutir os fenômenos biológicos e físico-químicos relacionando-os com seu cotidiano.

A observação e a investigação acerca de materiais e fenômenos promovem no aluno a construção do senso crítico e o desejo de compreender processos que, muitas vezes em sala de aula, lhes parecem distantes de sua realidade, mas que na prática são cotidianos (EMPINOTTI *et al.*, 2014).

Percebemos que a visualização das plantas de uma maneira mais detalhada possibilitou a compreensão do conteúdo abordado em sala de aula ao mesmo tempo em que estimulou os alunos a questionarem aquilo que estava a sua volta, não “aceitando passivamente” o que lhes foi apresentado na aula expositiva. Nessa atividade os alunos desenharam no caderno as estruturas visualizadas e comentaram que nunca “havam reparado aqueles detalhes” mesmo que aquelas plantas fossem comuns em suas casas e no pátio da escola. Desse modo é possível inferir que esse tipo de metodologia de ensino facilita o entendimento de matérias consideradas difíceis, como a Botânica, por exemplo, uma vez que no Ensino Fundamental muitos alunos apresentam dificuldades para compreender e assimilar esses conceitos, seja por conta das terminologias ou pela dificuldade em visualizar processos e criar novos significados diante de algo que se conhece (MELO, 2012).

Na aula sobre morfologia floral e ciclos reprodutivos, utilizamos modelos didáticos confeccionados com papel cartão e EVA para que os alunos pudessem observar as partes que compõem uma flor e como ocorre a reprodução no grupo das Angiospermas. Para Cavalcante e Silva (2008) os modelos didáticos estão relacionados à experimentação e à conexão da teoria com a prática. Por tal caminho, os estudantes poderão desenvolver condições para a compreensão dos conceitos e para o desenvolvimento de habilidades, competências e atitudes. Nessa atividade pedimos aos alunos que desenhassem no caderno representantes dos grupos estudados até aquele momento e da flor com seus verticilos reprodutivos e de proteção para que pudessem assimilar melhor o conteúdo apresentado em sala de aula. Essa atividade também teve como objetivo exercitar a ludicidade, pois é pouco comum que esses estudantes tenham a oportunidade de manifestar sua criatividade por meio da expressão artística.

Na atividade sobre a morfologia da folha usamos um painel para que os alunos pudessem visualizar as características morfológicas dos diferentes tipos de folhas e depois de uma breve apresentação, fizemos uma aula de campo na qual eles foram direcionados para fora da sala de aula para observar as plantas existentes no terreno da escola e para coletarem as folhas que achassem interessantes. O passo seguinte foi colar as folhas no caderno para montar um álbum e classificar as plantas de acordo com a morfologia de suas folhas. Para essa classificação os alunos tiveram que observar as folhas coletadas e anotar suas características de acordo com o roteiro descrito no Quadro 1.

Segundo Pereira e Putzke (1996) uma aula de campo não se refere apenas a visitas a matas ou florestas, ela pode ser realizada em qualquer ambiente que seja diferente da sala de aula podendo, inclusive, ser o pátio da escola, as ruas do bairro, parques ou lugares onde os estudantes podem ser motivados a participarem das ações. Para Ribeiro *et al.* (2018) as aulas de campo em ambientes externos são mais envolventes e motivadoras, além de auxiliarem na aprendizagem, contextualização e assimilação dos conhecimentos à medida em que possibilitam uma visão prática dos conteúdos estudados em sala de aula. Foi o que observamos no desenvolvimento dessa atividade, pois conseguimos mobilizar os estudantes e eles se tornaram mais participativos. Foi muito gratificante ver a participação e o engajamento deles em cumprir os passos propostos e o cuidado com a coleta das folhas e a motivação e responsabilidade em concluir a atividade.

Corte *et al.* (2018) explicam que a motivação tem influência determinante no comportamento e nas ações dos indivíduos, ou seja, ela impulsiona determinadas ações específicas e determina sua persistência nelas ou não. Desse modo, a realização de certas atividades se dá pelo interesse que tem como motivo a geração de alguma forma de satisfação. Os autores afirmam que a motivação pela Ciência se dá pelo mesmo mecanismo, ou seja, a busca pelas respostas e pelo conhecimento deve trazer satisfação pessoal, assim, impulsionar este desejo de aprender parece ser o caminho para a construção de um conhecimento mais estável e duradouro e para isso é necessário que o aluno participe ativamente do processo de construção do conhecimento científico.

Na aula seguinte fizemos uma revisão dos tópicos anteriores e, por meio de uma aula expositiva dialogada, discutimos a importância dos vegetais na natureza e como os seres humanos se beneficiam desses organismos. Essa atividade teve como foco reforçar o conhecimento construído reforçando os saberes que os alunos trazem de casa a respeito da utilização dos vegetais no nosso dia a dia. Como atividade complementar, na última aula da sequência que elaboramos, propusemos um exercício do tipo caça-palavras para que os alunos pudessem revisar os temas discutidos sobre as plantas medicinais.

Destacamos a utilização das plantas medicinais pois entendemos em consonância com Silva e Santos (2017) que a escola deve exercer o papel de valorização das experiências pessoais dos estudantes, despertando-lhes a atenção e a participação, ao permitir que eles consigam relacionar suas práticas cotidianas com os conceitos trabalhados em sala de aula. Nesse caminho os autores defendem que as plantas medicinais podem ser uma alternativa eficiente para despertar o interesse pela Botânica pois permitem que os conhecimentos científicos e populares sejam trabalhados em conjunto, possibilitando uma abordagem interdisciplinar.

As plantas medicinais são conhecidas desde a antiguidade e sua utilização se prolonga até os dias atuais. Com grande importância na medicina natural, a partir delas se produzem fitoterápicos que são bastante utilizados pela população por apresentarem propriedades químicas fundamentais para a função de cura e bem-estar (LIMA, *et al.* 2022). Cientes da importância dessas plantas essa atividade nos ajudou a contextualizar os conteúdos de Botânica, a partir da realidade dos alunos, e com isso verificamos que eles ficaram bastante interessados em mostrar o que sabiam sobre essas plantas, fortalecendo os conhecimentos que traziam a partir de sua realidade, ao mesmo tempo em que assimilavam e fortaleciam os novos conhecimentos.

Para Maciel (2002) as observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a divulgação das virtudes terapêuticas dos vegetais e seus efeitos medicinais, mesmo que as pessoas não tenham, na maioria das vezes, conhecimento sobre seus constituintes químicos. É importante ressaltar ainda que discutimos com os estudantes que embora as plantas medicinais sejam fármacos naturais eles podem ser perigosos, como qualquer outro medicamento, se administrados sem o devido conhecimento. Por esse motivo é importante pesquisar sobre as plantas e seus usos na medicina natural para evitar acidentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades que desenvolvemos ao longo do PIBID, de forma orientada e discutida com professores mais experientes, nos mostrou que é possível enriquecer o cotidiano escolar a partir de atividades que envolvam maior comunicação e interação entre docentes e estudantes no caminho de promover uma aprendizagem em

Ciências/Biologia mais significativa, por meio de metodologias que despertem o interesse do aluno, envolvendo-os ativamente em seu aprendizado. Destacamos que as aulas práticas e de campo para ensinar Botânica, embora tenham sido realizadas com condições mínimas de equipamentos, materiais e infraestrutura, tiveram resultados promissores pois promoveram maior interação e participação dos estudantes. Destacamos esse ponto pois vimos que, mesmo em condições mínimas, é possível realizar atividades mais dinâmicas em alternativa às aulas expositivas e esse movimento foi importante pois as condições físicas da escola, com salas de aula muito quentes, sem forro e superlotadas, não eram favoráveis para que tivéssemos a estrutura mínima necessária para desenvolver nossas atividades. Era preciso criar alternativas que “desviassem a atenção” do desconforto diário e chamasse a atenção dos estudantes para os temas discutidos em sala de aula.

É importante destacar que, embora seja um procedimento caracterizado pela verbalização do conhecimento e facilmente associado à passividade dos alunos, não podemos esquecer que as aulas

expositivas se constituem como o principal procedimento didático em nossas escolas e, justamente por esse motivo não podemos simplesmente descartá-las. Elas podem assumir diferentes características e revelar seu potencial (trans)formador por meio das relações que podem ser estabelecidas entre professor-aluno conhecimento, tendo a interação como princípio e a aula expositiva dialogada como procedimento.

As experiências vivenciadas na escola nos mostram o quanto é complexa a atividade docente, consideramos o processo gratificante, com resultados positivos e muito significativos para nossa formação. Eles servirão como estímulo para conduzir novas ações no contexto do projeto e em nossa vida profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. T. L. *et al.* A cegueira botânica: qual a sua relação ao ensino da Biologia Vegetal? RECIMA21. Volume 4, nº 2, 2023.

BORGES, B. T. *et al.* Aulas práticas como estratégia para o ensino de Botânica no Ensino Fundamental. *ForSci.: r. cient.*, v. 7, nº 2, 2019.

BRASIL. MEC. *Portaria Normativa nº 38. de 12 de dezembro de 2007*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pibid.pdf

CAPES, *Portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010*, Brasília, DF, 2010

CAVALCANTE, D. D.; SILVA, A. F. A. Modelos Didáticos de professores: concepções de ensino-aprendizagem e experimentação. In: *Anais do Encontro Nacional de Ensino de Química*, Curitiba: UFPR, 2008.

CHAVES, Silvia Nogueira. Por que Ensinar Ciências Para as Novas Gerações? Uma questão central para a formação docente. *Contexto & Educação*. Editora Unijuí. Ano 22 nº 77 Jan./Jun. 2007.

CORTE, V. B.; SARAIVA, F. G.; PERIN, I. T. A. L. Modelos didáticos como estratégia investigativa e colaborativa para o ensino de Botânica. *Revista Pedagógica*, v. 20, n. 44, mai./ago. 2018.

EMPINOTTI *et al.* Botânica em prática: Atividades práticas e experimentos para o Ensino Fundamental. *Revista Ensino & Pesquisa*, v.12, nº 2, jul/dez 2014.

KROSNICK, S.E.; BAKER, J.C.; MOORE, K.R. The pet plant project: Treating plant Blindness by making plants personal. *The American Biology Teacher*, v. 80, n. 5, p. 339345, 2018.

- LIMA, R. A. *et al.* Semeando sustentabilidade: Possibilidades e desafios no ensino de Botânica utilizando as plantas medicinais. *SAJ Basic Educ Tech Technol*. Rio Branco. v.9, n.1, 2022.
- MACIEL, M. A. M., PINTO, A. C., VEIGA JUNIOR, V. F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Revista Química Nova*, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.
- MELO, E. A., ABREU, F. F., ANDRADE, A. B., E ARAUJO, M. I. O. A Aprendizagem de Botânica no Ensino Fundamental: dificuldades e desafios. *Scientia Plena*, 8, 10, 1-8. 2012.
- MINHOTO, M. J. *Ausência de músculos ou porque os professores de Biologia odeiam a Botânica*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MONTEIRO, M. M. *Área de Projeto: Guia do Aluno*. 12º ano, Porto: Porto Editora, 2007.
- NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C.P. Cegueira botânica: é possível superá-la a Partir da Educação? *Ciência & Educação*, v. 25, n. 3, p. 745-762, 2019.
- NOGUEIRA, A. C. de O. Cartilha em quadrinhos: um recurso dinâmico para se ensinar Botânica. In: *Anais do Encontro "Perspectivas do ensino de Biologia"*, 6., 1997, São Paulo. Coletânea... São Paulo: USP, 1997.
- OLIVEIRA, S. K.; LIESENFELD, A. V. M. Percebendo efeitos da cegueira Botânica entre professores de Ensino Fundamental e Médio na Amazônia Ocidental, Brasil. *Educação Ambiental em ação*. Volume 70. 2020.
- PANY, P.; HEIDINGER, C. Useful plants as potential flagship species to counteract plant blindness. In: Hahl, K., *et al.* *Cognitive and Affective Aspects in Science Education Research*. vol 3. Springer, Cham, 2017.
- PEREIRA, A. B., PUTZKE, J. *Ensino de Botânica e Ecologia: proposta metodológica*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. 184p.
- RAMALHO, A. L.; SILVA, M. S.; SILVA, A. P. O.; LIESENFELD, M. V. A. Colorindo a floresta monocromática: práticas de Botânica de campo no Ensino Superior. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*. Volume 4, n. 2, 2017.
- RIBEIRO, J. P.; ROCHA, S. M. C.; GOMES, M. F. M.; RAMOS, A. C. S. O ensino da Botânica além da sala de aula: um estudo de caso sobre a utilização de aulas de campo para aperfeiçoamento do ensino-aprendizagem. *Revista Científica da FAESA*, v.14, n.1, p.18-28, 2018.

SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. Mas de que te serve saber Botânica? *Estudos Avançados*, v. 30, n. 87, p. 177-196, 2016.

SATYRO, N.; SOARES, S. *A infraestrutura das escolas brasileiras de Ensino Fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005*. Brasília: IPEA, 2007.

SILVA, D. F.; SANTOS, M. G. Plantas medicinais, conhecimento local e ensino de Botânica: uma experiência no Ensino Fundamental. *Revista Ciências & Ideias*. Volume 8, nº 2, 2017.

SILVA, P. G. P. *O ensino da Botânica no Nível Fundamental: um enfoque nos procedimentos metodológicos*. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

SHULMAN, L. S. Those who understand: knowledge growt in teaching. *Educational Researcher*, 15(2): 4- 14, 1986.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 17ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEXTO**2****JOGO DA PIRÂMIDE ALIMENTAR: APRENDENDO SOBRE OS PRINCIPAIS GRUPOS DE ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

REIS, Larissa Cristina Pereira dos *et al.* Jogo da Pirâmide Alimentar: Aprendendo sobre os principais grupos de alimentação e alimentação saudável. In: **Anais do X Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC)**, 2025, Brasília. Campina Grande: Realize Editora, 2026.

Texto Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/141770> [Acesso em: 29 jun. 2026]

JOGO DA PIRÂMIDE ALIMENTAR: APRENDENDO SOBRE OS PRINCIPAIS GRUPOS DE ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Larissa Cristina Pereira dos Reis ²

Jacicleide de Sousa Oliveira ³

Leônidas Amorim Costa ⁴

Rosigleyse Correa de Sousa Felix ⁵

Sandra Nazaré Dias Bastos ⁶

RESUMO

A educação nutricional é grande aliada na promoção da alimentação saudável. A busca por uma dieta adequada passa pela vivência de práticas educativas que contribuem para a construção de práticas alimentares satisfatórias e, dessa forma, o ambiente escolar torna-se lugar favorável para formação de hábitos saudáveis, pois se configura como espaço privilegiado para a construção e sensibilização de práticas alimentares saudáveis entre crianças e adolescentes. Nosso trabalho foi desenvolvido com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública, no interior do estado do Pará, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Tivemos como objetivo promover discussões sobre alimentação saudável e hábitos alimentares a partir do jogo didático “conhecendo a pirâmide alimentar”. A atividade com o jogo foi a culminância de uma sequência de atividades que discutiu a importância dos alimentos para saúde, hábitos alimentares, segurança alimentar, principais grupos de alimentos e dieta saudável. Nesse caminho a turma foi dividida em três grupos e na medida em que os estudantes eram chamados, um alimento era sorteado

² Graduanda do Curso de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, IECOS/FACIN, larissapimentel2190@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, UFPA, oliveirajacy70@gmail.com;

⁴ Professor Supervisor, Mestre em Biologia Ambiental, Secretaria Estadual de Educação do Pará, leonidas.costa@escola.seduc.pa.gov.br;

⁵ Professora Coordenadora do Núcleo PIBID, Doutora em Biologia Ambiental, FBIO/IECOS/UFPA, rosigleyse@ufpa.br;

⁶ Professora orientadora, Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas, FBIO/IECOS/UFPA, sbastos@ufpa.br

e eles deveriam descrever o grupo e suas principais propriedades para o bom funcionamento do organismo. Cada grupo recebeu um modelo de pirâmide tridimensional para colocar os alimentos e havia uma trilha com casas que eram avançadas na medida em que respondiam corretamente as perguntas. Essa atividade promoveu maior interação dos professores com a turma e dos alunos entre si. Nossa intenção foi proporcionar um ensino contextualizado e dinâmico, para auxiliar a compreensão dos fatores socioculturais que estão relacionados à aquisição de uma alimentação saudável. Como professoras em formação percebemos ainda que as vivências no âmbito escolar carregam processos significativos para construção de um olhar diferenciado que nos move na busca de outras/novas formas de atuar no contexto do programa e em nossa futura vida profissional.

Palavras-chave: Jogo Didático, Ensino de Ciências, Nutrição, PIBID, Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido pela Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) segundo o Ministério da Educação (MEC, 2018), foi criado em um cenário de formulação de várias políticas de incentivo à formação de professores, com o objetivo de antecipar o vínculo com as salas de aulas do nível básico de ensino na rede pública estaduais e municipais (Mello, 2021).

Na UFPA, Campus Bragança, o PIBID conta com um núcleo interdisciplinar que congrega dois cursos: Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Ciências Naturais que é composto por 16 alunos, três professoras orientadoras e dois professores supervisores. As atividades são desenvolvidas em duas escolas parceiras de Educação Básica, sendo elas: EEEFM Profa. Argentina Pereira e EEEFM Profa. Yolanda Chaves, localizadas na zona urbana do município. A atividade que será descrita a seguir foi desenvolvida na escola Yolanda Chaves, que está localizada na região central da cidade de Bragança e que conta com 44 professores e 759 estudantes distribuídos em turma do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio, nas modalidades de ensino regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O ensino de ciência assume um papel importante para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas condições, desse modo, o processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar

deve ser conduzido de modo a abranger recursos e aulas diferenciadas, com o objetivo de tornar as aulas menos monótonas, evitando com isso, que o ensino seja marcado pelo excesso de conteudismo. A implementação de metodologias ativas promove um ambiente de aprendizado mais interativo, dinâmico e prazeroso e nesse sentido, Kishimoto (1996) afirma que o professor deve rever sua ação pedagógica, passando a adotar em sua prática aquelas que atuem nos componentes internos da aprendizagem, já que eles não podem ser ignorados quando o objetivo é a apropriação de conhecimentos por parte do aluno.

A educação nutricional é grande aliada na promoção da alimentação saudável, pois permite que os estudantes acessem conhecimentos que levam a mudanças de hábitos alimentares. O processo nutricional em crianças e adolescentes garante o crescimento e desenvolvimento saudável do corpo, a partir de uma alimentação e consumo de alimentos saudáveis, carregando nutrientes essenciais para esse crescimento, evitando deficiências de aporte nutricional. As necessidades nutricionais aumentam na fase do desenvolvimento de crianças e adolescentes, devido a isso, a alimentação adequada é essencial para crescimento e desenvolvimento dos seres humanos, uma vez que proporciona ao organismo energia e nutrientes necessários para o bom desempenho de suas funções e para manutenções de um bom estado de saúde (Gomes, 2016).

No Brasil, as propostas mais utilizadas como guias alimentares são formuladas pelos Ministério da Saúde, entre eles podemos citar o Guia Alimentar para População Brasileira (BRASIL, 2014). Mesmo com essas recomendações e orientações que são adaptadas a uma pirâmide alimentar que leva em consideração os hábitos alimentares do povo brasileiro, é preocupante o consumo de alimentos processados e ultraprocessados, além do baixo consumo de frutas e verduras por crianças e adolescentes, bem como a falta de atividades físicas direcionadas a esse público. Segundo o guia, é preciso que a população tenha o entendimento sobre a necessidade de se consumir menos produtos processados (com adição de sal ou açúcar a alimentos *in natura* para torná-los mais agradáveis ao paladar e mais duráveis) e ultraprocessados (formulações industriais feitas com substâncias extraídas de alimentos ou sintetizadas em laboratórios), com a inserção diária de alimentos *in natura* ou minimamente processados (BRASIL, 2014).

A pirâmide alimentar com melhorias, foi constituída em 1992 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. O Brasil passou a utilizar o modelo desenvolvido pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) com participação do Ministério da Saúde, desde 2002. A pesquisa realizada por Lanzillotti, Couto e Afonso (2005), abordam o modelo de pirâmide alimentar proposto por Philippi et al. (1999), que leva em consideração os hábitos alimentares da população brasileira e

propunha uma organização hierárquica vertical da informação, dividida em quatro níveis: o primeiro nível corresponde ao grupo dos pães, cereais, arroz e massas, com seis a onze porções; o segundo, o grupo das verduras e legumes, com três a cinco porções, e as frutas, com duas a quatro porções; o terceiro nível, grupo do leite, iogurte e queijos, com duas a três porções, e as carnes, aves, peixes, leguminosas, ovos e nozes, com duas a três porções e o quarto nível, grupo das gorduras, óleos e açúcares, com a recomendação de uso moderado (Lima, et al. 2019).

Os alimentos ultraprocessados, por sua composição, não estão na pirâmide alimentar, como exemplos temos: salgadinhos, refrigerantes, biscoitos recheados etc. Eles apresentam baixa taxa nutricional, que associado ao pouco consumo de frutas, legumes e verduras, pode comprometer o desenvolvimento dos alunos, bem como sua aprendizagem pois a falta de nutrientes pode causar problemas de concentração, atenção, retenção da informação, ocasionando um baixo rendimento escolar (Rolando; Javier, 2018).

Para influenciar a formação de bons hábitos alimentares, é importante investir em ações pedagógicas dinâmicas que tornem o aprender acessível e transformador, e nesse caminho, o jogo didático, apresenta-se como importante ferramenta facilitadora de ensino. Cunha (1988) explica que o jogo pedagógico ou didático é aquele fabricado com o objetivo de proporcionar determinadas aprendizagens, diferenciando-se do material pedagógico, por conter o aspecto lúdico. Nesta perspectiva, o jogo não é o fim, mas o eixo que conduz a um conteúdo didático específico, resultando em um empréstimo da ação lúdica para a aquisição de informações (Kishimoto, 1996).

Desse modo, os recursos didático-pedagógicos surgem como uma possível ferramenta para corroborar com o processo de ensino e aprendizagem de ciências, nas escolas da Educação Básica. Sua utilização tende a aproximar os conceitos vistos na sala de aula ao cotidiano dos alunos e, assim, promover uma assimilação mais fácil dos conteúdos podendo, inclusive, suprir deficiências, preencher lacunas, expor o conteúdo de forma diferente e tornar os alunos mais participantes na construção do seu conhecimento (Pinto, 2024). Nesse sentido, aliar jogo didático a abordagem de assuntos relacionados a alimentação em ambiente escolar, garante uma apreensão significativa do conhecimento. O ambiente escolar é o espaço privilegiado para a construção e sensibilização de práticas de alimentação saudáveis entre crianças e adolescentes, promovendo uma análise crítica e reflexiva diante dos maus hábitos (Yokota et al., 2010).

O trabalho aqui descrito teve como objetivo promover discussões sobre alimentação saudável e hábitos alimentares a partir do jogo didático “conhecendo a pirâmide alimentar”, uma prática pedagógica que visa promover e sensibilizar sobre os grupos alimentares, fomentando a concepção

crítica-reflexiva no processo de educação alimentar adequada às necessidades do organismo e para promoção de uma vida mais saudável.

METODOLOGIA

Nosso trabalho foi desenvolvido com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, na escola Profa. Yolanda Chaves, interior do estado do Pará, no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O jogo didático “conhecendo a pirâmide alimentar” foi empregado na culminância de uma sequência de atividades que se propôs a discutir a importância dos alimentos para saúde, os principais grupos alimentares, bem como os hábitos de alimentação e a segurança alimentar para que os alunos pudessem identificar o que consumiam em sua dieta diária e como seria possível a elaboração de uma dieta saudável.

O Jogo “Conhecendo a pirâmide alimentar”

Para a confecção do jogo utilizamos materiais simples e de fácil acesso, tais como: folhas de isopor, tinta guache, cola de silicone, tesoura, papelão, figuras de alimentos, tampinhas plásticas, entre outros materiais. Com eles produzimos uma pirâmide tridimensional com quatro níveis em cores diferentes assim organizados:

- a) Vermelho: Alimentos Energéticos: Pão, massa, batata etc.
- b) Azul: Alimentos Reguladores: Verduras, legumes e frutas.
- c) Amarelo: Alimentos Construtores: Leite, queijo e derivados, carnes, ovos.
- d) Verde: Alimentos Energéticos Extras: Açúcares, doces, óleos e gorduras

Além da pirâmide, fizemos uma trilha em papelão, composta por várias casas que deveriam ser avançadas a cada rodada do jogo, se as perguntas fossem respondidas corretamente. Ressalta-se que o tabuleiro era composto pelo nome dos alimentos. Exemplo: batata, couve, leite, entre outros. Os grupos de estudantes foram representados por tampinhas plásticas que eram os peões.

Figura 1 – Pirâmide tridimensional e Trilha



Fonte: acervo pessoal dos autores

Regras do Jogo

A condução da atividade se deu pela organização dos estudantes em três grupos. Cada grupo recebeu uma pirâmide tridimensional, com as plaquinhas de vários tipos de alimentos. Para iniciar o jogo a equipe deveria escolher um representante para responder as perguntas, que era escolhida a partir do lançamento de um dado, ou seja, a partir do número indicado na face do dado, o peão deveria ser colocado na casa correspondente do tabuleiro de trilha e o representante da equipe deveria responder corretamente à pergunta, que no geral remetia a um tipo de alimento, este alimento era também representado em plaquinhas, que deveria ser colocada no nível correto da pirâmide. Caso acertasse as questões a equipe marcaria ponto e jogaria o dado novamente. Caso a resposta fosse errada, a vez seria passada para outra equipe. O grupo que acertasse o maior número de perguntas e consequentemente chegasse na casa final da trilha, além de completar o encaixe correto das plaquinhas nos grupos da pirâmide explicando as propriedades para o bom funcionamento do organismo, seria a equipe vencedora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira situação que observamos foi que o jogo possibilitou uma forte interação entre as equipes, envolvendo todos os alunos em sala de aula. Nesse caminho, podemos dizer que o jogo pode ser um instrumento que promove a colaboração entre os alunos, permitindo que eles se tornem mais empáticos, respeitando a ideia do outro e negociando suas ideias. As metodologias ativas consistem em métodos institucionais que engajam os estudantes no processo de ensino aprendizagem. A utilização de uma metodologia ativa de ensino ajuda o estudante a adquirir uma postura mais investigativa, além de desenvolver competências como: uma melhor capacidade de comunicação,

reflexão, capacidade crítica e uma melhor colaboração entre os indivíduos, tal como defendem Diesel, Baldez e Martins (2017), Mota e Rosa (2018) e Moraes e Castellar (2018).

Gonzaga et al. (2017), defendem que o uso de jogos didáticos no processo de ensino traz vários benefícios para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, além de trabalhar o desenvolvimento psicocognitivo e as relações interpessoais, tanto com os professores quanto com os demais alunos, pode influenciar posturas e ações que podem extrapolar o âmbito escolar e refletir no convívio social.

Em relação aos conteúdos discutidos em sala de aula percebemos que, com o jogo e a partir dele, os alunos foram mais participativos e se empenhavam em responder às perguntas lançadas pelo desafio de avançar nas casas. Desse modo, como explicam Melo, Ávila e Santos (2017) os jogos podem melhorar o rendimento do aluno, pois facilitam a aprendizagem de uma forma lúdica, aumentando a capacidade para resolver problemas.

Além disso, verificamos que no decorrer da atividade o jogo provocou múltiplas sensações: alegria, euforia, nervosismo. Os desafios das perguntas incentivaram os alunos a interagirem dentro do grupo, promovendo a motivação e o interesse pela competitividade que envolvia. Desse modo, podemos dizer que o processo de ensino-aprendizagem foi associado ao prazer de “brincar”, atividade que normalmente não se associa à sala de aula, modificando totalmente a percepção que havia sobre esse espaço em particular.

Sousa et al. (2012), explica que as atividades lúdicas no ensino de ciências podem atuar no sentido de educar, transformando e inovando e processo ensino aprendizagem, promovendo a aprendizagem de conceitos que muitas vezes são abstratos e complexos, favorecendo a motivação interna, o raciocínio, a argumentação, a interação entre alunos e entre professores e alunos. O jogo didático pode ser uma alternativa para se melhorar o desempenho dos estudantes em alguns conteúdos de difícil aprendizagem e deve ser elaborado com o objetivo de atingir conteúdo específicos (Zanon et al., 2008).

Apesar dos benefícios que os jogos didáticos podem trazer para o processo de ensino-aprendizagem, Neto (2019) alerta que para que o lúdico contribua na aprendizagem de conceitos científicos, “ele deve pôr o estudante em atividade, para que o mesmo mobilize seus processos psicológicos. Para que tais fatores ocorram, a atividade precisa ser pensada de modo que os conceitos ocupem lugar de destaque durante o jogo”. Outro ponto importante levantado por este autor é que deve haver uma formação ludo-política por parte do professor de Ciências. Desse modo, os jogos e outras atividades lúdicas, devem ser utilizadas de modo a promover e estimular o desenvolvimento de uma visão de mundo mais crítica e não apenas uma visão reprodutora de (pre)conceitos.

Durante a realização da atividade, notamos que os alunos dialogavam sobre a quantidade e a qualidade dos alimentos que faziam parte de seus hábitos alimentares, isso acontecia a partir dos alimentos representados no jogo e que precisavam ser dispostos na pirâmide de modo a montar um cardápio saudável e variado. Desse modo, eles discutiam a partir da disposição dos alimentos: aqueles presentes no topo deveriam ser consumidos com moderação por terem elevadas calorias. Já os alimentos construtores e reguladores deveriam ser consumidos em maior quantidade já que têm papel relevante na funcionalidade do organismo.

Ao longo de todo esse processo discutimos com eles sobre a importância da alimentação saudável, sobre a importância de se apresentar e oferecer alimentos saudáveis para as crianças, a fim de que conheçam e aprendam desde cedo que é preciso haver um equilíbrio nutricional, compreendendo que todo ser humano precisa de nutrientes para garantir qualidade de vida. Uma alimentação equilibrada e saudável é fundamental no decorrer da infância, já que é nessa fase que o desenvolvimento dos hábitos alimentares se forma, para assim identificar os benefícios de uma alimentação saudável (BRASIL, 2014).

Nogueira (2006), afirma que o educando passa a se interessar mais pela aula quando o ensino passa a ter significado a ele, assim sendo, quando ele aprende no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar relações, que incentivam novas buscas, descobertas, compreensão e reconstrução de conhecimentos. Foi interessante perceber que alguns alunos relacionaram as atividades aos seus hábitos alimentares, inclusive um deles chegou a afirmar que estava acima do peso, porque se alimentava excessivamente de alimentos calóricos, relatou naquela ocasião, que naquele dia havia tomado aproximadamente um litro de açaí com bastante farinha de mandioca, alimento este que faz parte da rotina alimentar da população local e que é rico em carboidrato.

Nunes et al (2007) destacam que a ingestão calórica elevada e a diminuição da atividade física têm sido apontadas como os principais fatores responsáveis pelo aumento dos índices de obesidade. Além da obesidade uma alimentação não balanceada implica em riscos de saúde aos jovens e adolescentes, entre eles doenças como diabetes, colesterol alto, hipertensão arterial sistêmica (conhecida como pressão alta), anemia, problemas cardíacos e ósseos, baixo desenvolvimento cognitivo, e até problemas neurológicos. Segundo os autores, é importante aprender a se alimentar de forma equilibrada, com a ingestão de alimentos *in natura* ou minimamente processados, sem excessos de açúcar, sal, gorduras. Uma alimentação variada em cor, sabor, texturas, complementando com uma rotina de atividades físicas para evitar doenças graves que podem causar problemas graves no futuro (Nunes, et al. 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da atividade “Conhecendo a Pirâmide Alimentar”, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), demonstrou o potencial transformador do uso de metodologias ativas, especialmente do jogo didático, como ferramenta de mediação do conhecimento no ensino de Ciências. A utilização do jogo didático favoreceu a interação e o raciocínio lógico dos estudantes, possibilitando aprendizados significativos. Além de estimular o pensamento crítico e reflexivo, o jogo proporcionou momentos de construção coletiva do saber, possibilitando que os alunos se tornassem protagonistas de sua própria aprendizagem, como defendem Diesel, Baldez e Martins (2017).

Outro aspecto relevante observado foi a inclusão efetiva de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que participaram ativamente das etapas do jogo, reforçando que práticas pedagógicas diversificadas e sensíveis às necessidades individuais podem promover uma aprendizagem mais equitativa e significativa (Nogueira, 2006).

A experiência também evidenciou o impacto positivo de atividades lúdicas na formação de hábitos alimentares mais saudáveis, uma vez que o jogo permitiu aos alunos refletirem sobre suas próprias escolhas e compreenderem as consequências do consumo excessivo de alimentos ultraprocessados e pobres em nutrientes, o que pode contribuir para problemas como sobrepeso e obesidade (BRASIL, 2014; Yokota et al., 2010). Destacamos a eficiência da atividade, pela aproximação que nos proporcionou com as turmas e pela empolgação e interesse que víamos crescer no decorrer da atividade. A estratégia pedagógica colaborou para os alunos refletirem sobre seus hábitos alimentares, permitindo que estes tomem atitudes adequadas frente ao consumo de alimentos que propiciem saúde e qualidade de vida.

A atividade não apenas consolidou conteúdos teóricos abordados previamente, mas também favoreceu a sensibilização dos alunos para mudanças de comportamento, estimulando uma postura crítica diante dos hábitos alimentares e incentivando a adoção de práticas mais saudáveis. Assim, o trabalho contribuiu tanto para o fortalecimento da formação inicial docente dos bolsistas do PIBID quanto para a promoção de uma educação científica contextualizada, inclusiva e transformadora. Como professoras em formação percebemos ainda que as vivências no âmbito escolar carregam processos significativos para construção de um olhar diferenciado que nos move na busca de outras novas formas de atuar no contexto do programa e em nossa futura vida profissional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Guia alimentar para a população brasileira**. (2ª ed.) Ministério da Saúde. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2014. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf Acesso em: 12 agosto de 2025.
- CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedo, desafio e descoberta**. Rio de Janeiro: FAE. 1988.
- LIMA, Ana Paula Santos; VILANOVA ILHA, Phillip; COUTO, Rodrigo Corrêa da Silva; SOARES, Félix Alexandre Antunes. Aprendizagem por Projetos no Ensino Fundamental: estratégia para entendimento da pirâmide alimentar. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 1, 2019.
- DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Lajedo-RS, 2017.
- GOMES, Helen Mara Dos Santos. Pirâmide de Alimentos: Guia para alimentação saudável. **Boletim Técnico IFTM**, p. 10-15, 2016.
- GONZAGA, Glaucia Ribeiro; MIRANDA, Jean Carlos; FERREIRA, Matheus Lopes; COSTA, Rosa Cristina; FREITAS, Caroline Coutinho Carneiro; FARIA, Ana Carla de Oliveira. Jogos didáticos para o ensino de Ciências. **Revista Educação Pública**, v. 17, n. 7, p. 1-12, 2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez, São Paulo, 1996.
- LANZILLOTTI, Haydée Serrão; COUTO, Sílvia Regina Magalhães; AFONSO, Fernanda da Motta. Pirâmides alimentares: uma leitura semiótica. **Revista de Nutrição**, v. 18, p. 785-792, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732005000600009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: agosto de 2025.
- MELO, Ana Carolina Ataíde; ÁVILA, Thiago Medeiros; SANTOS, Daniel Medina Corrêa. Utilização de jogos didáticos no ensino de ciências: um relato de caso. **Ciência Atual–Revista Científica Multidisciplinar do Centro Universitário São José**, v. 9, n. 1, 2017.
- MELLO, Luciana Garcia de. O lugar da raça e do racismo no debate sobre interseccionalidade. In: SILVA, Márcia Alves da (Org.) **Coisas d’genderus**: produções do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2021.

MORAES, Jerussa Vilhena; CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Metodologias ativas para o ensino de geografia: um estudo centrado em jogos. **Revista Eletrónica de Enseñanza de las ciencias**, [s.l.], v. 17, n.2, p.422-436, 2018. Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/332446343_Metodologias_ativas_para_o_ensino_de_Geografia_um_estudo_centrado_em_jogos. Acesso em: outubro de 2025.

MOTA, Ana Rita; ROSA, Cleci T. Werner. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Espaço pedagógico**, [s.l.], v.25, n.2, p.261-276, maio/ago. 2018.

NETO, Hélio da Silva Messeder. O jogo é a excalibur para o ensino de ciências? Apontamentos para pensar o lúdico no ensino de conceitos e na formação do professor. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 4, n. 3, p. 77-91, 2019.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores. 2ª ed. São Paulo: Editora Érica, 2006.

NUNES, Marília Medeiros de Araújo; FIGUEIROA, José Natal; ALVES, João Guilherme Bezerra. Excesso de peso, atividade física e hábitos alimentares entre adolescentes de diferentes classes econômicas em Campina Grande (PB). **Revista da associação médica brasileira**, v. 53, p. 130-134, 2007.

PINTO, Maria José Barbosa. Explorando os caminhos dos alimentos: Oficina Interativa para o ensino de ciências de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. 2024.

PHILIPPI, Sonia Tucunduva et al. Pirâmide alimentar adaptada: guia para escolha dos alimentos. **Revista de nutrição**, v. 12, p. 65-80, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v12n1/v12n1a06.pdf>. Acesso em: agosto de 2025.

ROLANDO, Bonifaz Yugcha Eddy.; JAVIER, Cando Gualpa Milton. La alimentación y el proceso de aprendizaje. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidad Técnica de Cotopaxi. Latacunga. Equador. 2018. Disponível em: <http://repositorio.utc.edu.ec/bitstream/27000/4460/1/PI000610.pdf>. Acesso em: agosto de 2025.

SOUSA, Elizângela Mendes; SILVA, Franciel de Oliveira; SILVA, Thiago Rodrigues Sousa; SILVA, Paulo Hernandes Gonçalves. A importância das atividades lúdicas: uma proposta para o ensino de Ciências. **Anais do VII Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação - CONNEPI**, Palmas – Tocantins, 19 a 21 de outubro de 2012. Disponível em: <https://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/3948>

YOKOTA, Renata Tiene de Carvalho et al. Projeto "a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis": comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. **Revista de Nutrição**, v. 23, p. 37-47, 2010.

ZANON, Dulcimeire Aparecida Volante; DA SILVA GUERREIRO, Manoel Augusto; DE OLIVEIRA, Robson Caldas. Jogo didático Ludo Químico para o ensino de nomenclatura dos compostos orgânicos: projeto, produção, aplicação e avaliação. **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 1, 2008.

TEXTO**3**

**A UTILIZAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A DISCUSSÃO DA
SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA**

***REIS, L. C. P.; OLIVEIRA, J. S.; COSTA, L. A.; FELIX, R. C. S.; SILVA, N. S. M.; BASTOS, S. N. D. A utilização de uma Sequência Didática para a Discussão da Sexualidade na Educação Básica: Um relato de experiência na iniciação à docência. Anais do I Simpósio de Estágio e Pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia. Bragança - Pará. 2026 (no prelo)**

A UTILIZAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A DISCUSSÃO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Larissa Cristina Pereira dos Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA, IECOS, FACIN

larissapimentel2190@gmail.com

Jacicleide de Sousa Oliveira

Universidade Federal do Pará – UFPA, IECOS, FACIN

oliveirajacy70@gmail.com

Leônidas Amorim Costa

Universidade Federal do Pará – UFPA, IECOS, FBIO

leonidas.costa@escola.seduc.pa.gov.br

Rosigleyse Correa de Sousa Felix

Universidade Federal do Pará – UFPA, IECOS, FBIO

rosigleyse@ufpa.br

Sandra Nazaré Dias Bastos

Universidade Federal do Pará – UFPA, IECOS, FBIO

sbastos@ufpa.br

Eixo temático: 1464641 - PIBID em Ciências e Biologia

Modalidade: Resumo expandido - Comunicação oral - relato de experiência

INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências na Educação Básica possui um papel fundamental na formação integral dos estudantes, contribuindo não apenas para a compreensão de conceitos científicos, mas também para o desenvolvimento de uma postura crítica, ética e reflexiva diante das questões que atravessam a vida em sociedade. Diante disso, o Ensino de ciências não seria útil apenas para dar ao aluno o conhecimento do mundo ou melhorar sua forma de compreendê-lo, mas também para acrescentar uma outra forma de interpretá-lo, de modo que o aluno possa, ao dominar o conhecimento científico, construir uma consciência crítica e participativa (Melo, 2020).

Entre os temas que desafiam a prática docente nesse componente curricular, a sexualidade se destaca por envolver dimensões biológicas, emocionais, sociais e culturais, além de ainda ser permeada por tabus e preconceitos no contexto escolar. De acordo com Maia, Soares e Medeiros. (2016), a vivência da sexualidade ocorre através de transformações físicas e psicológicas, sendo acompanhadas por aspectos sociais e culturais que influenciam as suas emoções e a percepção de si próprio, criando visões positivas ou negativas, principalmente no período da adolescência.

O PIBID configura-se como um espaço formativo essencial, ao possibilitar a vivência da prática pedagógica no contexto real da escola, favorecendo a articulação entre teoria e prática e contribuindo significativamente para a construção da identidade docente. Programas que integram a Política Nacional de Formação de Professores, tal como o Programa institucional de iniciação à docência (PIBID) tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura trabalhe habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de Educação Básica (Brasil, 2018). Foi no contexto do PIBID que desenvolvemos uma sequência didática sobre sexualidade com turmas do 8º ano do ensino fundamental, fundamentada em metodologias ativas para promover um processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico. Nosso objetivo foi o de promover o protagonismo dos estudantes, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – A SEXUALIDADE EM DISCUSSÃO

As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual Professora Yolanda Chaves, em Bragança-Pará, em dez encontros com duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. A sequência das atividades elaboradas pode ser visualizada no Quadro 1.

Quadro 1: Sequência de atividades desenvolvidas com alunos do 8º ano

Encontro 1 – Atividade Diagnose “Caixa Secreta”
Objetivo: Criar um espaço seguro e respeitoso para promover uma discussão sobre sexualidade sem medo e sem rejeição. Metodologia: Utilizou-se uma caixa de papelão coberta. Disponibilizamos aos estudantes três perguntas; 1) O que você entende sobre sexualidade? 2) Quais suas curiosidades sobre a sexualidade? 3) Na sua opinião, de quem é a responsabilidade para falar de sexualidades com os jovens? Ao responderem as perguntas os alunos colocaram suas respostas na caixa, de forma anônima. Tempo: 2 horas/aula
Encontro 2 – Puberdade; Hormônios; Sistema Reprodutor
Objetivo: Compreender as mudanças físicas e emocionais que ocorrem durante a puberdade, incluindo o papel dos hormônios e o funcionamento do sistema reprodutor. Metodologia: Aula Expositiva Dialogada com auxílio de slide. Tempo: 5 horas/aula

Encontro 3 – Aula Prática com o Painei “Gênero em Equilíbrio”
Objetivo: Promover uma reflexão sobre a igualdade de gênero, debatendo sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres. Metodologia: Foi utilizado um painel confeccionado com EVA, papelão e envelopes contendo cartas com algumas perguntas com uma problemática. Os alunos foram divididos em grupos e cada grupo teria que responder o que fariam e o que achavam sobre cada problemática. As cartas que utilizamos foi uma adaptação que fizemos com o jogo “EMANCIPAÇÃO: jogando contra o machismo” (Valeska Zanelli e Lígia Fonseca). Tempo: 2 horas/aula
Encontro 4 – Cortes do filme Mulan
Objetivo: Fomentar a empatia e a compreensão sobre as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres em diferentes contextos Metodologia: Foram utilizados cortes do filme para destacar os desafios enfrentados pela personagem principal no combate dos machismos, se disfarçando de homem para entrar no exército chinês, contudo se destacando pela perseverança e bravura ao conquistar com mérito os obstáculos enfrentados ao longo da guerra. Tempo: 2 horas/aula
Encontro 5 – Cine Pipoca: “STEVEN UNIVERSO”
Objetivo: Promover a reflexão e a discussão, desenvolvendo a empatia e respeito em relação às identidades de gênero Metodologia: O filme para começar um diálogo com os alunos sobre “identidade de gênero”. A ideia é fazer um cine pipoca, tornando o ambiente descontraído e acolhedor Tempo: 2 horas/aula
Encontro 6 – Roda de Conversa: “Identidade em Diálogo”
Objetivo: Fomentar o diálogo e a troca de experiências entre os participantes, criando um espaço seguro e respeitoso para compartilhar pensamentos e sentimentos. Convidado especial: Liz Metodologia: Aula dialogada Tempo: 2 horas/aula
Encontro 7 – Aula Expositiva Dialogada “Menstruação e Gravidez na Adolescência”
Objetivo: Esclarecer informações da primeira menstruação (Menarca), afim de compartilhar conhecimentos a respeito do ciclo menstrual da mulher, certificando da doença endometriose. Conscientizar sobre riscos físicos, emocionais e sociais na Gravidez na adolescência e a importância do acompanhamento ginecológico para uma educação sobre saúde reprodutiva, métodos contraceptivos, prevenindo a gravidez precoce. Metodologia: Aula expositiva dialogada com auxílio de slides Tempo: 2 horas/aula
Encontro 8 - Aula Expositiva Dialogada “Infecções Sexualmente transmissíveis (IST’S)”
Objetivo: Conscientizar sobre a importância dos métodos contraceptivos e a saúde reprodutiva. Metodologia: Aula expositiva dialogada com auxílio de slides. Tempo: 2 horas/aula
Encontro 9 – Aula Expositiva Dialogada “Métodos Contraceptivos”
Objetivo: Educar os alunos sobre as DSTs, incluindo sintomas, transmissão e tratamento, ajudando a desenvolver habilidades de tomada de decisão informada e responsável. Metodologia: Aula expositiva dialogada com auxílio de slides. Tempo: 2 horas/aula

Encontro 10 – Produção de pitch de apresentação
--

Objetivo: Comunicar a comunidade escolar de forma clara e concisa sobre as doenças sexualmente transmissíveis.
--

Metodologia: definimos temas sobre doenças sexualmente transmissíveis. A ideia é desenvolver os conceitos de forma clara para que os alunos pudessem apresentar. Os estudantes irão falar sobre: O que é a doença; as causas da doença; como a doença é transmitida; e as formas de prevenção; tudo isso seguindo o roteiro proposto.

Tempo: 3 horas/aula

Fonte: Autores

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma aula diagnóstica observamos que muitos estudantes apresentavam dúvidas relacionadas não apenas aos aspectos biológicos da sexualidade, mas também às dimensões emocionais, sociais e relacionais. Segundo Melo e Franco (2022), é importante considerar as dimensões biológica, social, cultural, afetiva e ética indicadas pela BNCC na tratativa da sexualidade humana, muitos estudantes adolescentes procuram responder as suas inquietações sobre a sexualidade na escola por considerarem esse ambiente um lugar onde suas dúvidas e anseios podem ser sanados ou, que pelo menos, podem ser ouvidos. Observamos ainda, que parte significativa dos alunos atribuía à família, de forma exclusiva ou compartilhada com a escola, a responsabilidade de abordar o tema, o que evidencia a necessidade de fortalecer o papel da escola nesse processo formativo. O papel da escola frente a esses fatores é o de atentar-se e procurar compreender os anseios dos adolescentes, oportunizando momentos de reflexões que consequentemente, ajudem os jovens na construção da sua identidade, apontando características que os identifiquem como sujeito de deveres, mas, também, de direitos, tencionando a autonomia desse indivíduo (Carvalho, 2018).

Na sequência, foram desenvolvidas aulas expositivo-dialogadas, nas quais os conteúdos foram apresentados de forma contextualizada. Também foram realizadas atividades práticas, dois cine-debates e uma roda de conversa, abordando temáticas como as transformações físicas e emocionais na adolescência, igualdade de gênero, desafios enfrentados pelas mulheres e o respeito às diferentes identidades de gênero. Ponte e Maldarine (2019) destacam a importância do desenvolvimento de metodologias e ferramentas educacionais que envolvam o ensino do corpo humano com estudantes em todos os seus aspectos. Carvalho e Silva (2018, p. 618) indicam que a construção da aprendizagem está associada a um processo contínuo que envolva uma “participação integral e ativa do aprendiz”. As metodologias ativas utilizadas favoreceram a construção de um ambiente de confiança, no qual os alunos passaram a se expressar com mais segurança, respeito e criticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas evidenciam a importância de se trabalhar a sexualidade no ensino de Ciências de forma ampliada, humanizada e interdisciplinar, superando abordagens restritas e biologicistas. A sequência didática desenvolvida mostrou-se um instrumento pedagógico eficaz para promover o diálogo, o respeito e a formação cidadã dos estudantes, além de contribuir para a construção de aprendizagens significativo.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. C. S.; SILVA, F. A. R. Uma sequência didática para o ensino de temas de sexualidade no ensino fundamental: puberdade e adolescência. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 13, n. 5, p. 617-630, 2018.
- MAIA, T. Q.; SOARES, L. O.; MEDEIROS, V. M. Educação para sexualidade de adolescentes: experiência de graduandas. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 2, n. 2, p. 71-78, 2016.
- MELO, R. J.; ADAMS, F. Welter; NUNES, S. M. T. Concepções da importância do ensino de ciências na educação básica por licenciandos de um curso de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 5, p. 1-20, 2020.
- MELO, S. T. C. FRANCO, L. G. Educação em sexualidade na adolescência: uma análise de rodas de conversa em turmas do 8º ano do ensino fundamental. v. 17 n. 1 (2022): **Experiências em Ensino de Ciências**, 2022.
- PONTE, M.L.; MALDARIN, J. S. Corpo humano e a saúde na juventude: estratégia e recursos para o ensino médio. **REnCiMa**, v. 10, n. 6, p. 76-94, 2019.

ANEXOS: Certificados de apresentação dos artigos em eventos científicos



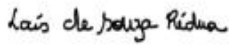

CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho completo intitulado **ENSINAR BOTÂNICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO** de autoria de **LARISSA CRISTINA PEREIRA DOS REIS; JACICLEIDE DE SOUSA OLIVEIRA; ALESSANDRA CRISTINA CARVALHO CUNHA; ROSIGLEYSE CORRÊA DE SOUSA FELIX; NELANE DO SOCORRO MARQUES-SILVA; SANDRA NAZARÉ DIAS BASTOS** foi apresentado presencialmente no **IX ENEBIO - Encontro Nacional de Ensino de Biologia & VII EREBIO - Encontro Regional de Ensino de Biologia MG/GO/TO/DF**, ocorrido entre os dias 22 e 25 de outubro de 2024 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e promovido pela **SBEnBio - Associação Brasileira de Ensino de Biologia**.

Belo Horizonte, Minas Gerais, 28 de outubro de 2024.



Prof. Dr. Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba
Associação Brasileira de Ensino de Biologia
Presidente Gestão 2023-2025



Prof. Dr. Laís de Souza Rêdua
Associação Brasileira de Ensino de Biologia
Diretora da Regional 4 (MG/GO/TO/DF)



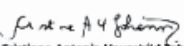
CERTIFICADO

Certificamos que o trabalho intitulado: **JOGO DA PIRÂMIDE ALIMENTAR: APRENDENDO SOBRE OS PRINCIPAIS GRUPOS DE ALIMENTOS E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL** do(s) autor(es): **LARISSA CRISTINA PEREIRA DOS REIS, JACICLEIDE DE SOUSA OLIVEIRA, LEÔNIDAS AMORIM COSTA, ROSIGLEYSE CORRÊA DE SOUSA FELIX, SANDRA NAZARÉ DIAS BASTOS**, foi apresentado na modalidade Relato de Experiência (RE) no **X Encontro Nacional das Licenciaturas e IX Seminário Nacional do PIBID**, evento realizado presencialmente com transmissão online no Universidade de Brasília - UnB - Campus Darcy Ribeiro - Brasília, no período de 07 a 10 de dezembro de 2025.

Autenticar Certificado
Identificador: 1df60c74430fc37f52f378498173a207



Aponte a câmera do celular para visualizar o link de autenticação.



Prof. Cristiane Antonia Hauschild Johann
Professora da UNIVATES (Universidade do Vale do Taquari)
Presidente da Comissão Organizadora do X ENALIC



Prof. Paulo Roberto Menezes Lima Júnior
Professor da UNB (Universidade de Brasília)
Presidente da comissão local do X ENALIC

Verifique o código de autenticação 16366558-2162222-8379193-6-83665557-632222237919328 em: <https://www.univb.com.br/documentos>





CERTIFICADO




Certificamos que a submissão intitulada **CONHECENDO A PIRÂMIDE ALIMENTAR: PROPOSIÇÕES PARA SE DISCUTIR GRUPOS ALIMENTARES E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL NA EDUCAÇÃO BÁSICA** foi apresentada por **Larissa Cristina Pereira Dos Reis, Jacicleide De Sousa Oliveira, Leônidas Amorim Costa, Nelane do Socorro Marques-Silva, Rosigleyse Corrêa de Sousa-Felix e Sandra Nazaré Dias Bastos**, no evento **VII SIEPE/ IV SILSSA - COP 30 EM BRAGANÇA: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**, apresentando nas Modalidade(s) **Resumo Expandido e Área(s) Temática(s) 04. Educação de Qualidade**.

Bragança, 25 de Setembro de 2025



Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira
Coordenador do Campus Universitário de Bragança



Profª Drª Moirah Paula Machado de Menezes
Diretora do Instituto de Estudos Costeiros

